

# Quem sabe espera a hora

Gilberto de Mello Kujawski

O aspecto mais penoso da presente crise brasileira — que não é só brasileira — está na impotência de os mais velhos explicarem aos mais novos, aos jovens, o que realmente está acontecendo. Os jovens pedem aos pais, aos mestres, uma palavra de interpretação, de orientação, e nada ouvem em resposta, porque pais e mestres comungam da mesma perplexidade. Haveria que ressuscitar o filósofo hebreu Moisés Maimônides para escrever um novo Guia dos perplexos para uso daqueles que têm a função de orientar não só a juventude, como a opinião pública, os intelectuais, os jornalistas, os políticos, os sacerdotes. A explicação mais fácil e corrente é aquela de que "o Brasil não é um país sério", de que nos "faltam homens", de que "o brasileiro não é de nada" etc. Passa-se a acreditar que o País é inviável, que não tem futuro, que nenhum esforço vale a pena. O ceticismo, a descrença geral em tudo e em todos, a decepção, o cinismo, que sempre foram atributos da velhice frustrada, tomam conta do adolescente que mal iniciou seus passos na vida, e não só do adolescente, como até do homem maduro.

Urge afirmar e reafirmar, até que todos acreditem, que tal sentimento coletivo de impotência histórica labora em bases falsas e não tem razão de ser, porque se limita à superfície das coisas, à mera aparência dos fatos. Como superar de vez essa fixação derrotista que pesa em todos os espíritos? Talvez a melhor maneira seja mudar o ângulo de visão, cultivar outra perspectiva da realidade, a perspectiva histórica. Ver como chegamos onde chegamos, para saber como encontrar a saída. Nada de excessivamente complicado. Basta começar perguntando que país recebemos dos nossos pais e avós, nós os homens maduros, e que país legamos aos nossos filhos e netos. Talvez o saldo se revele mais positivo do que parece.

Para os brasileiros nascidos até 1930 o Brasil era um imenso território cultivado por uma economia rural, dominado por fortes oligarquias de tendência feudal, com duas cidades um pouquinho mais populosas que as outras — Rio e São Paulo —, quase sem nenhuma indústria e praticamente um único produto de exportação, o café. Nosso país era uma grande fazenda (definida pelo Larousse como "imensa contrée", "imensa região", isto é, uma entidade geográfica, sem a menor condição histórica ou cultural), onde a vida, mais rente à terra, era mais deleitosa, até para as classes humildes, mas onde ninguém tinha grande perspectiva de futuro. As profissões liberais reduziam-se a três — advogado, médico e engenheiro. O único divertimento disponível, fora os bailes, era o cinema. Vida vegetativa em todos os níveis, social, político, econômico e cultural. O sonambulismo embestia toda a sociedade, desde o Jeca-Tatu até as altas classes dirigentes. Este foi o Brasil que herdamos de nossos antepassados, os nascidos ao redor de 30. Muito diferente é o Brasil que legamos aos jovens brasileiros de vinte anos. Um Brasil aturdido, oscilante nas bases, mas to-

talmente reestruturado de alto a baixo. A velha estabilidade da sociedade agrária cedeu lugar à instabilidade de uma coletividade que avança vertiginosamente rumo ao futuro. A infra-estrutura industrial cobre o território brasileiro congestionado pela superpopulação; o trabalho e o lazer se renovam segundo os padrões mais modernos. As oligarquias tradicionais desaparecem, permitindo o exercício mais amplo da democracia, não obstante os interregnos autoritários. As possibilidades de ação se multiplicam, o leque de profissões se alarga, e um ativismo febril assalta toda a população. A letargia do sonambulismo parece substituída por onda de epilepsia intonível. O bolo da economia começa a crescer desmesuradamente aos olhos da população, é todos reclamam a sua parte: a sociedade começa a se mobilizar politicamente. Os grupos dominantes, na impossibilidade de equacionar a cobrança social com o ritmo ascendente da economia, apelam para a falsa solução do populismo, que pode ser definido como a oficialização do baú da felicidade, iludindo milhões de miseráveis com o engodo da premiação infalível, multiplicando e inchando as empresas estatais transformadas em cabides de emprego, emitindo desbragadamente para financiar suas despesas até transformar o dinheiro na moeda falsa da inflação, que leva ao colapso da economia, à recessão, à desmotivação para o trabalho, ao impasse coletivo e à expectativa resignada do apocalipse nacional.

A presente crise costuma ser subestimada, passando por crise econômica, ou crise política, quando, na verdade, se trata de crise histórica, daí a dificuldade de superá-la. O tempo da crise histórica é o tempo de uma ou mais gerações. Ela exige a transformação global da sociedade, processo inevitavelmente lento e gradual, não obstante a impaciência dos revolucionários. A letra da famosa canção de Geraldo Vandré não está certa. Não é verdade que "quem sabe faz a hora". O homem não criou o mundo, nem inventou o tempo. Portanto, o mais certo é cantar "quem sabe, espera a hora". Ninguém antecipa a hora. Não basta fazer a revolução, pensando fazer a hora. Feita a revolução, muita água correrá debaixo da ponte e a sociedade permanecerá em compasso de espera, até que chegue a hora da mudança, porquanto o ritmo tardo, lento, pesado é o característico do social, desde que o mundo é mundo. A impaciência histórica, associada ao fácil pragmatismo sófrego de resultados imediatos, quando da menor frustração, só pode gerar o desencanto, o desespero, o radicalismo suicida, ou a apatia, o ceticismo, o derrotismo. Quem quer atropelar a História será inevitavelmente atropelado por ela. Homero já citava como muito antigo, já em seu tempo, esse provérbio magnífico: os moínhos dos deuses moem devagar.